



## POR ONDE CAMINHA O NOSSO ESPIRITO?

*(Reflexão sobre a perspectiva de integração., ou não, da nossa força vital humana com o plano superior de existência, que enquanto cristão entendo ser a divindade)*

Hoje Domingo, dia 3 de Maio, estando na missa dos Jerónimos, onde vou regularmente, confrontei-me com uma situação interessante que me levou a reflectir sobre qual o papel que a espiritualidade, seja ela de carácter claramente religioso, ou não, na nossa vida e em concreto no plano de trabalho das Artes Marciais deverá ter.

Não ignoro que parte dos praticantes sejam ateus, agnósticos, “praticantes” de ocasião social ou de outras confissões religiosas que não a minha. Acredito que maioritariamente não são verdadeiramente cristãos, mesmo que se assumam na forma como tal, pois assim como não há ciclistas não praticantes, não há cristãos não praticantes. O conteúdo é que define as coisas, não é a embalagem.

Mas em simultâneo com a Missa estava a decorrer uma grande cerimónia de comemoração do aniversário da Guarda Nacional Republicana. A música religiosa “Avé Regina ...” contrastava com a música marcial e sincopada que as as forças da GNR usavam e isso criou em mim a necessidade de reflectir sobre onde estamos na realidade, quando, como e de que forma devemos integrar estas duas realidades distintas, sendo elas parte normal da nossa vivência enquanto humanos, e aqui na terra.

Um dos vários aspectos do problema que devemos ter em conta, tem dois contornos claros, e é só este aspecto que iremos abordar, a visão que temos da nossa dimensão e do papel dela. Ou sobrevalorizamos o lado humano e somos levados a crer, por tentação e megalomania, de influência ateia, que somos suficientemente omniscientes e onipotentes para podermos compreender e agir na infinita complexidade do universo, na sua dimensão espacial e temporal. Para que não sabe omnisciência é a ideia que sabemos tudo e, onipotente, que podemos tudo. No outro extremo subvalorizamos a nossa humanidade, induzindo-nos a julgar que podemos alcançar a consciência e a união com Deus negando a nossa dimensão humana, o que entra em contradição com um facto simples, que é a existência de Cristo e a sua presença entre nós para poder viver e sentir como homem de carne e osso. Ambos os extremos pecam por erro.

Nas Artes Marciais é frequente ver processos de trabalho onde só o corpo, a sua motricidade e a sua funcionalidade técnica são estudados em detrimento do que é o trabalho mental e “espiritual”. Outros entram em processos “espirituais” que são frequentes processos “desviantes” que ocultam agendas pessoais, algumas delas profundamente duvidosas no que se refere à ética e à moral.

É importante ao longo do trabalho, de formação e educação dos alunos, desenvolver elementos de equilíbrio que permitam que o praticante não seja desviado por um destes excessos e possa durante o seu processo normal de envelhecimento ir encontrando elementos de trabalho onde possa o corpo ser colocado no seu verdadeiro plano e perder gradualmente a sua preponderância em detrimento do “espírito”, pois quando somos novos é tudo muito corpo e pouco “espírito”, e cabeça, digamos a bem da verdade. Exigir a um jovem a vivência e a sabedoria que só a experiência de vida dá ... é o outro reverso da moeda. Neste contexto podemos dizer que Jutsu e Do se complementam.

Há referências a diversos “espíritos”, mas aquele que nos deve animar enquanto educadores é o da rectidão, e se pudermos usufruir de uma evolução natural no nosso caminho enquanto homens limitados pelo tempo e das capacidades, necessariamente envelhecendo, para nossa própria gratificação, estaremos no caminho do natural. Lembrem-se... Aquilo que a morte dá muito ao tirar ...”.

Lisboa, 3 de Maio de 2015